

NÓTULAS E CONSIDERANDOS SOBRE O TOSTÃO
DE D. JOÃO III, N.º 19 DE TEIXEIRA DE ARAGÃO.
À MEMÓRIA DO DR. PEDRO BATALHA REIS

Por JOSÉ TOMÁS DA GRAÇA

Por especial deferência dum amigo, consegui que viesse a fazer parte da minha modesta colecção, uma moeda, que tem levantado sérios reparos por parte de alguns insignes numismatas.

Trata-se do Tostão n.º 19 de D. João III, marcado com asterisco, na estampa XVI, do 1.º volume da «DESCRIPÇÃO DAS MOEDAS CUNHADAS EM NOME DOS REIS, REGENTES E GOVERNADORES DE PORTUGAL» do Mestre Teixeira de Aragão.

A peça referida tem dado motivo a variadas formas de estudo, razão porque, — para mal dos meus pecados — também meto, «foice em seara alheia», nuns considerandos, ainda que me falte alguma habilidade e jeito...

A veracidade da emissão deste numisma, assim como de outros deste reinado, tem suscitado dúvidas, não conhecendo até à data, qualquer estudo, que cientificamente determine com absoluta firmeza, tratar-se de moeda corrente, ou outra qualquer espécie enumerada.

As letras monetárias que ladeiam a maioria das moedas de D. João III, ainda que estudadas, não dão conhecimento exacto, sobre o «mistério» que as envolve.

Vários estudiosos que se dedicaram a estas moedas, chegaram a uma conclusão, no que diz respeito a algumas letras, aceitando-se um critério honesto, mas que oferece algumas dúvidas.

Assim, L-V, está argumentado: Lisboa V vinténs, O-V, Olissipo V vinténs, P-O ou O-P, casa monetária do Porto. Mas a incógnita mantém-se indecifrável, quando aparecem as letras, L-R, R-L, L-P, R-P, R-C, P-P, R-I, L-I, I-O e A-A!...

Vou, pois, fazer uma pequena resenha, transcrevendo alguns estudos

* Só quando este artigo já estava no prelo, tive conhecimento de que é errada a leitura «R—I, L—I e I—O» dos exemplares N.ºs 88, 94 e 99 da «Cartilha», devendo ser corrigida, respectivamente, para: «R—L, L—R (Rev. o—L) e P—O», interpretação obtida pela observação directa dos originais.

O engano, diz o possuidor das moedas, tem a sua explicação na mediocre conservação dos exemplares que não permitiu uma boa leitura, o que todavia não elimina a possibilidade de efectivamente existirem moedas, com a letra «I», no monetário de D. João III.

feitos por ilustres numismatólogos, para assim tomarmos conhecimento do que se escreveu a respeito desta moeda.

Começo pelos «Contos para Contar» da autoria do Engenheiro Paulo de Lemos, «NVMMVS», volume III, n.º 2, cujo argumento principal é baseado no seguinte:

- 1) Manufactura por fundição. (O Senhor Niepoort, contudo, tem um exemplar que não é fundido);
- 2) A irregularidade da Cruz de Cristo, não vista em outros numismas do reinado;
- 3) A semelhança, vamos dizer a igualdade, do anverso com contos .(89 com 88, e 91 com 90 e 92);
- 4) O n.º 89 apresenta 9 castelos no escudo, em vez de 7.

«Relativamente ao n.º 96, (Tostão n.º 19 de Aragão) em que a palavra PORTUGAL se apresenta grafada como PVRTVGAL, e as quinas em cruz, levaram já a afirmação de se tratar de obra de curioso e não moeda na acepção legal e numismática do termo. Nós juntaremos a seguinte observação: o exemplar existente no Museu Numismático Português pareceu-nos, (ao Ex.^{mo} Conservador e a nós), uma peça fundida, o que me leva a afirmar que se deve tratar de um conto, e a ornamentação, excepcional em moedas, estaria de acordo com a índole das peças que tratamos».

Transcrevo o estudo feito pelo Engenheiro Raul Couvreur, no que se refere a esta moeda: «A grafia IOANES e a gravura permitem, com o peso, colocá-lo no segundo grupo de lavramento de Tostões do reinado do Piedoso e compará-lo portanto com os do tal lavramento».

Começando pelo reverso, nota-se um excesso de ornato em relação aos Tostões do grupo, pois ao passo que nestes apenas se encontra a Cruz de Cristo, no exemplar n.º 19, além desta, existe um ornato semelhante ao empregado nos «PORTUGUESES» que não me lembro de ter visto noutra moeda daquele valor.

A própria Cruz, permita-se-me a expressão, é baixa e gorda, ao passo que nos Tostões do grupo tende para alta e magra. No anverso, o caso complica-se.

Além da grafia PVRTVGALIE, que só encontro antes de D. João III, no exemplar a que me referi ao tratar do INDIO, nota-se, o que também considero caso único até então, o facto de os besantes das quinas estarem em cruz, em vez de na posição normal que sempre apresentaram desde que, em lugar de número variável, dos primeiros reinados, se fixaram em cinco.

Será possível admitir que «moedeiros d'el rey» desconhecêssem a forma de escrever o nome do País, substituindo-a pela fonética, que de igual forma ignorassem a posição, já secular, dos besantes, e ainda que, mesmo em ensaio, se atrevessem a modificar uma e outra?

Não creio tal possível dentro de Casa de Moeda!

Serão erros de gravura em T. de Aragão? Não são, porquanto no exemplar reproduzido fotograficamente na estampa 41 da Cartilha do Senhor Dr. Pedro Batalha Reis, que tivemos ocasião de ver em original, se notam os mesmos erros.

Finalmente, não sendo de extraordinária raridade os Tostões do grupo a que me refiro, verifica-se que peças do tipo do n.º 19 de Aragão apenas se conhecem duas.

As indicações dadas não permitirão pois pensar que se trata de obra de curioso, e não de moeda na acepção legal e numismática do termo?

«Para mim estou convencido que sim».

O numismata Sr. Dr. Pedro Batalha Reis, menciona ensaios, neste e noutros Tostões; talvez esteja um pouco dentro da razão: descreve as tentativas diferentes de amoedação, falta de bons técnicos e o seu pouco sentido artístico, principalmente nos lavramentos feitos no Porto. Digo talvez, pelo seu tipo característico e pela raridade dos exemplares!...

Na «NUMARIA DE D. JOÃO III», cujo autor é o Académico de número Senhor Dr. Damião Peres, o seu último estudo sobre este reinado, cujos documentos são os mais completos, observa e muito bem este Ilustre historiador, as dificuldades que se lhe depararam para um estudo completo sobre a emissão destes numismas, principalmente o mistério que envolve a letra «R» e no Tostão n.º 19 de T. de Aragão diz: «alguma marca de fantasia, como aquela que ostenta o n.º 19 de Aragão».

Deixe para o fim, o que o Senhor Dr. Teixeira de Aragão, escreveu sobre o Tostão em causa: — IOANES 3: R: PVRTVGALI...GV. Armas do Reino; em baixo, a meio círculo, uma facha, disposta como ornato, parecendo conter em cada extremo um A. Reverso: IN: HOC: SIGNO: VINCES. — Cruz da Ordem de Cristo, cantonada por doze pontos. Pesa 156 grãos (está cerceada) Tostão, AR de 12 dinheiros. Pertence à colecção do Sr. José Lamas.

Mais adiante informa: — «Sem alterar a liga nem o peso nem o valor, foi mudado o cunho, parecido ao dos PORTUGUESES, e cujas variedades não representadas nos números 14 a 19, sendo esta última muito rara».

Encontro assim neste numisma, uma série de opiniões que divergem entre si, ficando quase com a impressão da impossibilidade de se chegar a uma conclusão definitiva.

Em ligeira análise, temos:

Conto para Contar	— Engenheiro Paulo de Lemos
Obra de Curioso	— Engenheiro Raul Couvreur
Ensaio	— Dr. Pedro Batalha Reis
Tostão	— Dr. Damião Peres
Tostão	— Dr. Teixeira de Aragão

Resta-me fazer uns ligeiros comentários.

Contos para Contar: — Não sou profundo conhecedor deste assunto, nem quero de forma alguma anular definitivamente a hipótese apresentada pelo Eng.º Paulo de Lemos, mas tão somente a razão da minha discordância. O facto de serem fundidos alguns Contos, não oferece bases concretas e não são provas suficientes, para determinar que punhamos o vocábulo conto, numa moeda. É que «houveram tentativas para amoedação, sem ser pelo processo do martelo». (Cartilha-Batalha Reis, volume I, página 222).

A igualdade no anverso, também não tem influência, sobre este ou outros numismas. Em contrapartida o reverso, é positivamente de moeda corrente, não se encontrando nenhum Conto para Contar, nas condições deste exemplar. Também sobre o metal, somente conheço na Bibliografia que tenho consultado, um Conto, mas esse diz respeito a D. Sebastião. Manuel Joaquim de Campos, nos seus escritos atesta que somente os metais Bolhão, Cobre e Latão, serviram para Contos!...

Sobre obra de curioso, na quase afirmação do Engenheiro Raul Couvreur, discordo, porque se encontra, na numária do PIEDOSO, uma variedade tão grande de numismas, com e sem ornatos, o ordinal em árabe e romano, coroas tão diferentes, disposição de arabescos, que nos causam fantástica admiração!... Os aversos e reversos de quase todas as moedas são tão prolixos em erros de nomenclaturas, notando-se nalgumas uma falta de orientação e competência dos abridores de cunhos. Sendo assim, não estará englobado algum ensaiador, que quisesse imitar os «PORTUGUESES», desconhecendo a total disposição dos besantes ou buscasse realçar o seu sentido artístico, alterando ornatos e tipo de moeda?!...

TOSTÃO DE D. JOÃO III



Ainda mais, os Tostões n.º 19 de Aragão, de que presentemente dou notícia, resumem-se a três exemplares, quaisquer deles diferentes. Seria possível que o falsário, fizesse um cunho para cada moeda? Creio não ser possível?

Resta-me dizer alguma coisa mais sobre os competentes historiadores Senhores Drs. Damião Peres e Teixeira de Aragão: — ambos são da opinião de ser Tostão corrente, — qualquer deles estudou o assunto dentro dos seus enormes conhecimentos e possibilidades, verificando minuciosamente as anomalias existentes na época. O primeiro deixa em suspenso o misterioso «R», atestando que quando se descobrir a incógnita das letras monetárias, tudo estaria decifrado, opinando que a decifração, só é possível, procurando a sua razão, nos reinados anteriores...

Do Mestre Teixeira de Aragão, sabemos a sua dedicação à causa; os seus conhecimentos são vastos e dentro dum critério sensato; resolveu a maioria dos problemas numismáticos, numa base científica, os seus trabalhos são monumentais, servindo de estudo a quase todos os tratados de grande nomeada. Se o Mestre indicou como moeda corrente este Tostão, lá tinha as suas razões!

O numisma que tenho em meu poder, tem as seguintes legendas: — IOANES: 3.º: R: PVRTV GALIE: A: GV — reverso: IN HOC: SIGNO: VINCE., foi achado em 1941, numa propriedade na Conceição, (Concelho de Faro) junto a outras moedas do mesmo reinado; não é fundido, o seu peso regula aos do 2.º tipo dos Tostões de D. João III, o exemplar está muito bem conservado, levando-me à conclusão, que é *moeda corrente da época*.

Mas... como na numismática, tudo é relativamente possível e ainda porque esta achega não é suficiente para resolução deste problema, gostaria que os competentes e estudiosos numismatas, respondessem à pergunta que formulo.

Conto para Contar, moeda curiosa, ensaio ou Tostão?!...

Obras consultadas: Descrição das Moedas cunhadas em nome dos Reis,	
Regentes e Governadores de Portugal	— Teixeira de Aragão
Cartilha da Numismática Portuguesa	— Pedro Batalha Reis
Moedas de D. João III — Tostão n.º 19	— Raul Couvreur
Numária de D. João III	— Damião Peres
Contos para Contar	— Paulo de Lemos

